

Edição de Imagens em Jornalismo¹

Por

S.Squirra

No contexto da comunicação, a edição jornalística de imagens² é um tema extremamente importante. Neste sentido, a construção de conteúdos com imagens -e sons- vem recebendo a atenção dos teóricos e pesquisadores que a definem como um dos mais significativos recursos de informação disponibilizados na cena moderna. Muitos olham a imagem em sua forma unitária, outros focam alvos nas suas correlações nos processos narrativos cinéticos, justamente quando estas estão agrupadas no processo de significância dos meios eletrônicos. Depois de muita convivência com as mesmas aprendi que, de fato, as imagens em movimento têm força monumental fazendo com que a edição audiovisual configure-se com a “alma do processo” da comunicação em movimento, especialmente no (tele) jornalismo³.

Tomada individualmente a imagem estática recorta valores empíricos, isolados e perenes, onde significados complementares manifestam-se a partir do estímulo dos valores sociais e culturais pessoalmente implícitos em cada observador. Do seu lado, as imagens em movimento se caracterizam por reproduzir a plenitude da experiência humana na observação da vida e na absorção dos valores presentes na convivência social e na pluralidade imagética da natureza. Tanto uma como outra “recortam” o cenário observado e condicionam a consciência humana na formatação cultural a que todos os seres humanos são submetidos continuamente. As imagens são, como se vê, fortemente importantes, merecendo estudos profusos, robustos e competentes para seu perfeito entendimento quanto às aplicações editoriais e também para seu desmascaramento, quando mal-usadas.

Como obra de expressão, as imagens (isoladas ou coletivas) representam narrativas estéticas e denotam as opções sociais de seus autores nos seus intentos -claros ou disfarçados- de comunicar atos e fatos de relevância para a sociedade. Por isto tudo, vêm sendo destacadas desde seu surgimento pelos primeiros fotógrafos, cineastas e estudiosos. Nesta linha e pelas enormes possibilidades de expressão das imagens⁴, o grande cineasta russo Sergei Eisenstein certa feita afirmou que “a justaposição de duas cenas distintas, interligando-as, não significa apenas a simples soma de duas cenas e sim um ato de criação”. Com este estímulo imersivo, somos convidados a adentrar a arte da edição cinética que, no cinema, é definida como montagem.

¹ Texto de apresentação publicado no livro Edição de imagens no jornalismo, Organizado por Angela Filipi, Demetrio Soster, Editora Edunisc/Santa Cruz do Sul, 2008, p.07-11, ISBN 8575782142

² Venho me detendo neste assunto e publiquei um capítulo específico sobre o tema no livro Aprender telejornalismo – Produção e técnica. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, que já mereceu uma 2ª. Edição (1993) e 2ª. reimpressão (2004)

³ Abordei tal tema no texto A esgrimia da edição em telejornalismo, que está em capítulo do livro Edição em Jornalismo Eletrônico, de José Coelho Sobrinho e Dirceu Fernandes Lopes. São Paulo, Edicon, 2000, p.69-80

⁴ No livro *O processo de criação no cinema*, John Howard Lawson conclui que na edição “uma tomada considerada separadamente, é como uma ‘natureza morta’, pois enquanto não entra em movimento permanece inanimada. Assemelha-se a um substantivo isolado numa frase visual”.

Pela sua potencialidade e por se constituir como eixo principal no processo seletivo de significados nas mídias digitais, a edição no (tele) jornalismo pode ser aplicada em direção editorial que distorça radical ou sutilmente a realidade observada, ter enfoques que acomodem um único e definido (e nem sempre conhecido) modelo de opinião, descontextualizar depoimentos alterando o significado original (sem consultar os depoentes), acolher intenções manipuladoras discretas (e dificilmente perceptíveis pela audiência) e, sobretudo, expressar recortes da realidade com posições⁵ enviesadas de grupos políticos, empresas, governos, órgãos públicos e privados etc. Assim, e assumindo estas premissas como possibilidades concretas, destaca-se que a “justaposição de duas cenas distintas” pode representar **não somente** um ato de criação, mas significar a mais pura e intencional deturpação dos fatos. Por isso, a edição deve ser exaustivamente estudada, uma vez que sua capacidade de convencimento é avassaladora, sobretudo quando difundida em meios de comunicação massivos como é o caso da televisão.

Objetivamente falando, aponto que a edição no (tele) jornal nunca é isenta. Concluo dessa forma após constatar que ela possibilita infinitos modelos de intenção construtiva e seleção de conteúdos. Quer seja pela formação cultural e política do codificador (o repórter), ou ainda pelo perfil empresarial da emissora e de seu proprietário, o momento editorial da emissora frente aos entes públicos (políticos, empresas, governos, atores etc.), os compromissos empresariais do grupo que controla a emissora, a força regional e nacional de empresas e representantes do povo etc. Escapar dessa enorme força de pressão editorial é um exercício de difícil concretização e isto precisa ser destacado aos estudantes. Estes precisam ser advertidos que nos meios de comunicação as notícias podem facilmente ser manipuladas, encurtadas, distorcidas, fracionadas, invertidas, tiradas do seu contexto original etc., alterando a essência dos relatos e, por consequência, seus significados. Na forma e velocidade do (tele) webjornalismo, isto é crucial.

Na TV, a edição de matérias jornalísticas apresenta relatos formatados em blocos com imagens seriadas, onde os fotogramas revelam sua força e potência se organizados adequadamente e em dinamismo que reflita a verdade, a isenção, o respeito pelo ser humano, a ética, o contexto original etc. E, ainda, se espelham a grande experiência humana da vida em sociedade e os valores culturais de cada povo, recusando o uso antiético, deturpador e enviesado de tais recursos comunicacionais. É justamente isto que propõem os autores dos capítulos desta obra, componentes de grupo gaúcho de pesquisadores da comunicação.

A partir de sua tese de doutorado, Fabiana Piccinin aborda a importância da existência de múltiplos olhares na edição telejornalística, indo do processo editorial tradicional ao universo das hibridizações da expressão digital, centrando-se em bibliografia de autores pátrios e de origem européia. De seu lado, Elson Sempé Pedroso apresenta reflexão sobre o papel da fotografia e sua edição no jornalismo impresso, enfocando as características e dificuldades do exercício profissional. Adair Peruzzolo leva este enfoque um pouco mais adiante, analisando imagens publicadas em periódicos do Rio Grande do Sul, a partir de pesquisa apoiada pelo CNPq. Recortando o universo das Assessorias de Imprensa, Ângela Felippi apresenta estudo interessante apontando a fantástica mobilidade das imagens e sentidos na sociedade contemporânea, o que afeta pessoas e empresas de forma brutal,

⁵ Que embutem posições política, cultural, de grupos etc. aprioristicamente assumidas e que valorizam específicos aspectos da realidade, distorcendo a estrutura dos fatos em favor de visões sectárias.

comprometendo suas imagens públicas. O universo do jornalismo online é o assunto de Demétrio de Azeredo Soster, baseando-se em experiências didáticas desenvolvidas com seus alunos. Fernando Firmino da Silva continua nesta linha, introduzindo a Web 2.0 e a comunicação móvel, assuntos que já dominam a atenção do mercado nos cenários da tecnologia digital. Os infográficos são o tema de Tattiana Teixeira, revelando como na sociedade da velocidade este tipo de recurso comunicacional assume importância destacada. Gilmar Hermes enfoca o mundo das ilustrações nos jornais e seus percalços e Rudinei Kopp se encarrega da tarefa de analisar as características das capas de revistas, realizando estudo comparativo de edições nacionais e internacionais de revistas de forte penetração mercadológica. Por último, Ary Moraes apresenta texto objetivo sobre o papel do design na forma da notícia.

O conjunto deste material representa expressivo esforço deste grupo, sediado na Universidade Santa Cruz do Sul (no Rio Grande do Sul), exemplo que deveria ser seguido por docentes de outras instituições de ensino superior. Reforço que tais iniciativas devem ser aplaudidas, pois os maiores beneficiários são nossos estudantes e pesquisadores. O ensino do uso correto e equilibrado da edição de imagens, centrado na preparação competente para a construção das narrativas específicas com a aplicação dos equipamentos pertinentes deve sempre ser louvado, pois como disse Eisenstein “você pode salvar um filme mal-feito com uma boa montagem, mas poderá estragar um bom filme na montagem”.